

## RESENHAS

**SIMÕES, Soraya Silveira; SILVA, Hélio R. S. Silva e MORAES, Aparecida F. (orgs.). *Prostituição e outras formas de amor*. Niterói: Editora da UFF. 552pp.**

*Franz Arnaldo Cezarinho*

*Prostituição e outras formas de amor* é uma coletânea com dezenove artigos, dividida em quatro partes, organizada por Soraya Simões, Hélio Silva e Aparecida Fonseca. A coletânea descende de três grupos de trabalhos por meio de eventos científicos. Os eventos foram: a 27ª Reunião Brasileira de Antropologia - 2010, em Belém; XII Congresso Luso-Afro-brasileiro em Salvador - 2011 e em São Paulo na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia - 2012.

Embutido no livro há um DVD com o documentário “Um beijo para Gabriela” no qual exhibe, etnograficamente, o processo eleitoral em que a ex-puta e militante Gabriela Leite, que defendia os direitos das prostitutas, se candidatou a deputada federal do Rio de Janeiro em 2010, tendo como uma das cenas etnográficas mais marcantes o seu relato de que o pastor, após reunião no Conselho Federal de Teólogos, disse-lhe que conseguiria muitos votos, mas que tal negociação pressupunha dinheiro. Esse episódio revela-nos um pouco dos meandros aéticos do jogo político.

Apesar de homenagear Gabriela Leite, o objetivo da coletânea é trazer novos dados empíricos e teóricos num debate recorrente envolvendo a academia, os movimentos sociais e as arenas do Estado. Dentro dessas discussões implicam-se questões associadas às doenças, tráfico e exploração de seres humanos, objetificação da mulher, programas de assistência, dentre outras.

Descortinar o meretrício é compreender práticas, sentidos e estratégias de quem se prostitui, imergindo na realidade desses grupos historicamente marginalizados, dos quais vozes foram caladas e memórias compartimentadas. O que os/as autores/as fazem é mostrar a prostituição através das lógicas cognitivas dos próprios sujeitos inseridos nessas interações. Outrossim, não se pode esquecer que essas mulheres e homens que trabalham sexualmente com o corpo são cidadãos e cidadãs com os mesmos direitos que qualquer outro/a. São pessoas que amam, desejam, choram, sorriem, brigam, sentem prazer e possuem memórias.

No desafio de compreender a *Prostituição e outras formas de amor* é preciso, primeiramente, desconstruir o discurso hegemônico que atribui a essa prática características degenerativas e preconceituosas. A *Parte I – Políticas: A construção dos discursos* investiga em vários campos sociais a representação da prostituição evidenciando os vários argumentos do debate citado acima. No século XIX o modelo biomédico de saúde instituiu um tipo de mulher que, “naturalmente”, nasceu para procriar e ser mãe.

As prostitutas – consideradas fora desse padrão por agenciarem subversivamente suas sexualidades – eram enquadradas como receptoras de dejetos e vetores de doenças. Infelizmente, na contemporaneidade, essa noção continua a existir, já que as políticas públicas de saúde do SUS, como descreveu Flávio Lenz (p. 50), circunscrevem as prostitutas apenas em programas de HIV/AIDS, criminalizando a prostituição.

Esta concepção sobre as prostitutas gera processos de marginalização espacial das mesmas. Diana Helene no artigo *A invenção do Jardim Itatinga: a segregação urbana da prostituição* nos mostra que a reconfiguração da cidade de Campinas durante a década de 1960 foi um exemplo significativo de marginalização. Dado o crescimento urbano incentivado pelas mudanças econômicas em voga, as prostitutas foram realocadas, procedimento em que as segregou para um lugar denominado Jardim Itatinga, a maior zona urbana de prostituição da América Latina. A Operação Limpeza varreu as prostitutas tanto no sentido físico-geográfico como no âmbito simbólico, já que elas representavam a desordem (p.105).

A migração também costura representações sobre a prostituição. Verônica Munk (p.58) em outro artigo da coletânea, explica que os governos dos países europeus fomentaram verdadeiras cruzadas contra a prostituição. O início dessa caçada tem a ver com a migração em massa de mulheres da União Soviética na virada de 1990 no que ficou conhecido como Migração Feminina por Trabalho. Parte dessas mulheres escolheu o trabalho sexual. No entanto, houve casos de abusos, tráfico e exploração. O argumento fundamental de Munk afirma que não há correlação entre prostituição com o tráfico e a exploração sexual, pois a primeira é um trabalho e os segundos, crime. Coube então às ONGs internacionais e prostitutas lutarem pela conscientização e pelos direitos humanos de pessoas que trabalham com prostituição (p.59).

Mas a noção da exploração existe também nas concepções das próprias prostitutas mais “velhas” e “experientes”, que se identificam como agentes multiplicadoras de práticas de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis. Por terem seus corpos normalizados, imputam às jovens um desconhecimento por falta de “experiência” de vida, dando-lhes o status de meninas de rua ou exploradas, criando hierarquias por meio do marcador etário (p.134). Aparecida Fonseca Moraes encontrou esse fenômeno em seu campo ao conhecer prostitutas mais experientes que acreditavam gerenciar seus corpos. Por outro lado, inscrevia nas jovens o estatuto de corpos sexualmente explorado, abusado, ferido e prostituído.

A objetificação foi o termo que as feministas anglo-americanas, mais precisamente as andrófobas, utilizaram e utilizam para designar mulheres que trabalham sexualmente. Ou seja, elas seriam objetos sexuais de homens. As etnografias feitas na Rua Bourbon em Nova Orleans e no Rio de Janeiro por Thaddeus Blanchette, Ana Paula da Silva e Gustavo Camargo no último artigo da primeira parte, rompem de vez com essa concepção. Tiffany, a dançarina de *strip*, afirma que os explorados eram os turistas e que ela apenas dançava, fazia o seu show da maneira que quisesse (p. 150). Há também o caso de Cilda que escolheu a prostituição. Ela diz: *Meu marido nem pra sexo servia e eu gosto de sexo. Trabalhar transando e sendo paga para isto não podia ser tão ruim assim. E não é ruim, não. Amo meu trabalho* (p.156). A parte I do livro finda desestruturando a noção estratificada da prostituição e dando agência aos sujeitos que exercem esta atividade.

Por isso, a *Parte II – Prazeres: A Construção dos Sujeitos* mergulha nas interações que constroem os atores da prostituição. Quando se adentra neste mundo, constatam-se as estratégias efetivadas por homens e mulheres descentrando estruturas rígidas e condicionantes ao valorizar as experiências. Dessa forma, fica mais fácil entender os motivos que levam alguns michês a praticarem relações homoeróticas em saunas masculinas na cidade do Rio de Janeiro. Victor Hugo Barreto mostra o caso de Rodrigo, seu interlocutor, que costuma ir à sauna para manter relações homoeróticas com homens. Além de gostar, ele faz isso quando precisa pagar o curso de especialização ou quando deseja obter tênis novos.

A etnografia de Ana Paula Luna Sales intitulada *Espaços de Prostituição, espaços de dominação*, feita no Restaurante Granada, em Fortaleza, Ceará, tenciona a noção de dominação masculina ao analisar as performances e maneiras que as prostitutas conduzem a interação. O que chama a atenção nesta etnografia é que são as putas que escolhem seus clientes através de técnicas de sedução. Há restrições para a venda do sexo e estas envolvem o uso de preservativo, limpeza corporal do cliente, etc. As restrições e as jogadas são tantas que o sexo é praticado da maneira que elas querem.

Inquirir sobre o desejo leva-nos a preeminência dos diferentes sexos, posto que condicionam a sexualidade como dispositivo que compõe a subjetividade. Esse dispositivo nos pressiona a buscar novas formas de viver, criando um sentimento de vazio e fragilidade. Ao vibrar por inéditos arranjos sexuais, a sexualidade nos conduz à zona de promiscuidade – não entendida no sentido pejorativo do termo – que se efetiva no *trottoir* das putas, pois é nela que a racionalidade da sexualidade imposta pelo Estado se esvai. Abre-se precedente para uma distinta ética constituída por novas relações provisoriamente desconhecidas (p.271). Dito isto, desmancham-se os papéis e identidades sexuais binários tradicionais, abrindo a possibilidade de arranjos promíscuos. É dessa forma que a *libertinagem* se realiza e o objetivo da prostituição se evidencia, pois as putas vendem fantasias. Elaine Bortolanza, no último artigo da parte II finaliza com essa afirmação. Sendo assim, é possível enxergar a existência de sentimentos na prostituição.

Na *Parte III – Fronteiras: Prostituição e Outras Formas de Amor* está a finalidade de toda a obra, evidencia a existência afeto, gosto, escolha e amor dentro da prostituição. Surgem então algumas problemáticas, pois essa perspectiva tenciona o léxico que envolve as relações econômico-sexuais, visto que o afeto sempre esteve presente nesta atividade. Por isso, imaginar que se prostituir objetiva apenas trocar dinheiro por sexo é engano. Ademais, por haver afeto na relação entre prostituta e/ou cliente – já que muitas não entendem o que fazem como prostituição, e por isso, não intuem seus parceiros como clientes – há dificuldade em formular ações para conscientização dos problemas relativos às doenças sexualmente transmissíveis para protegê-las. Por último, a relutância das mulheres em afirmar que se prostituem, ocorre devido às variadas categorias que nomeiam essas relações, como por exemplo, “amigamento”, “amigo”, dentre muitas outras existentes.

O “amigamento”, categoria encontrada entre cozinheiras que exerceram/exercem a prostituição com garimpeiros dos baixões nos contextos fronteiriços da Pan-Amazônia, cria uma confusão sobre o ato de prostituir-se, visto que muitas vezes tal atitude alcança bens sexual/afetivos. Leticia Tedesco (p.289) relata que grande parte dessas relações não era entendida pelas mulheres como prostituição, pois se criava vínculos que não possibilitava quantificar ganhos materiais. Isso se diferenciava das no-

ções sobre os bares/boates, dado que são nestes lugares que se pode trocar sexo por dinheiro ou ouro. Delineiam-se fronteiras espacial/simbólicas porque a prostituição é vista como desviante em alguns momentos e em outros sequer há noção de que se está praticando-a.

Já a noção de “amigo” foi observada no trabalho de Érika Pinho, Cristian Paiva e Francisca de Sousa, através das memórias das meretrizes que atuavam no Farol e no Porto de Mucuripe, em Fortaleza, Ceará, nas décadas de 1960-1980. As relações sexuais mantidas com os marítimos possuíam conotações pessoais, afetivas e econômicas. Muitas vezes questionava-se até a ideia de pagar pelos serviços sexuais, pois a dádiva, materializada nos objetos valiosos, efetivava uma troca simbólica que, por sua vez, encobria o sentido de estar pagando por sexo. Além do mais, as mulheres se apaixonavam, gostavam de manter uma relação fixa com os “amigos”, principalmente quando eram estrangeiros. Isso acontecia porque muitas desejavam se casar.

Natália Sganzella em sua etnografia em Marília, interior de São Paulo, investigou os sentidos de maternidade e família nas concepções das prostitutas. Percebeu-se que na vida familiar elas amam seus filhos, sobrinhos e parentes. Possuem os mesmos desejos e cuidados maternos que qualquer outra pessoa. A sua profissão não impede a existência de amor como sentimento fraternal. E isso demonstra que as prostitutas podem ser mães e chefes de famílias, pois muitas delas sustentam suas casas sozinhas.

O texto se encerra com a *Parte IV – Lugares, Contextos, Ações e Práticas Situadas*. Imagem e representação foram focalizadas nos últimos artigos e evidenciam paradoxos e estigmas que conformam e limitam a atividade da prostituição a certos lugares. Utilização de vestimentas menos constrangedoras, discrição no assédio aos clientes e coibição de algazarra na calçada são ajustamentos que impelem prostitutas para zonas de tolerância simbólicas nas quais a prostituição possa se realizar. Essa violência simbólica – e algumas vezes física – se instaura por causa da recepção imagética que as tomam como vulgar, caracterização essa que se choca com os costumes morais. Isto é, o meretrício torna-se permissível quando demandas que visam moralizar suas práticas são obedecidas, podendo existir em territórios de tolerância. Essas imposições irrompem dos poderes públicos, das polícias, e, até mesmo de pastorais que, numa perspectiva redentora, acreditam estar salvando vidas, mas que por outro lado, reforçam representações negativas sobre a prostituição.

Enfim, é preciso entender que prazer, amor e desejo são polimorfos, condicionando-nos a caminhos muitas vezes desconhecidos, mas necessários. Por isso, se torna urgente transcender os binarismos. Essas lógicas nas quais os pares separam puta-mãe, prostituição-família, clandestino-legal, etc., já não condizem com o discurso literário e o do dia a dia, como salienta Hélio Silva (p. 540).

*Prostituição e outras formas de amor* tem o mérito de: transcender o sistema de representações binário, proporcionar conteúdo empírico que pode dar suporte à criação de políticas públicas mais humanizadas às pessoas que se prostituem e mostrar outras possibilidades de ser, um dos principais objetivos da Antropologia.

*Franz Arnaldo Cezarinho é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).*

RECEBIDO EM: 30/09/2015

APROVADO EM: 07/11/2016